

A REPRODUÇÃO DO RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR E O PAPEL DA UNIVERSIDADE: A PRIMORDIALIDADE DA INTERVENÇÃO POR MEIO DA FORMAÇÃO PARA A DIVERSIDADE¹

Larissa Leila Gomes de Barros

Graduanda pelo Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas – Geografia
Universidade Federal do Maranhão/Campus de Grajaú. E-mail: larissalgb8@gmail.com

Karine Silva Nunes

Graduanda pelo Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas – Geografia
Universidade Federal do Maranhão/Campus de Grajaú. E-mail: karinenunes932@gmail.com

Ramon Luis de Santana Alcântara

Doutor em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PGPP-UFMA). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFMA).
Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Federal do Maranhão/Campus de Grajaú. E-mail: ramon.lsa@ufma.br

RESUMO

O presente trabalho objetiva abordar a questão do racismo em uma instituição escolar grajauense, a partir das vivências no Estágio do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas e debater sobre a visão dos alunos acerca da temática. Utilizou-se como metodologia levantamento bibliográfico acerca do tema e análises sobre a experiência do Estágio Supervisionado II a partir da proposta de intervenção na escola. Apesar de Grajaú conter 2/3 da população negra, muitas famílias tradicionalistas expõem uma visão preconceituosa sobre os indígenas e negros, o que contribui para que os estudantes também reproduzam nos seus discursos em sala de aula. Durante a intervenção como um todo, observou-se que muitos alunos autodeclarados negros não se valorizavam como tais, assim como também houve resistência por parte de alunos em falar sobre racismo. Desta forma, as vivências do Estágio elucidaram a importância da preparação da universidade para a formação de professores para a diversidade.

Palavras-chave: Diversidade. Escola. Estágio. Racismo.

INTRODUÇÃO

O racismo é uma temática complexa e muitas vezes polêmica, mas as atuais condições políticas, econômicas e sociais estão exigindo maior atenção para a abordagem da questão. Isto pode se evidenciar pelas crescentes lutas e conquistas inéditas de direito por parte dos negros no trabalho, nos estudos, etc. Entretanto, da mesma forma que aos poucos os negros estão conquistando seu lugar na sociedade, manifestam-se diariamente, e sob diversas formas, preconceitos e discriminação racial em espaços onde o ensino e o aprendizado pelo respeito à diversidade deveria ser exercido: a escola.

A cidade de Grajaú (MA), apesar de sua população ser composta de 2/3 de negros em um total aproximado de 62 mil habitantes, segundo o Censo do IBGE realizado em 2010 (ALCÂNTARA, 2015), incluindo pretos e pardos autodeclarados, é espaço de muito preconceito,

¹ Trabalho elaborado a partir da disciplina Educação para a Diversidade e o Projeto de Intervenção do Estágio Supervisionado II do Ensino Fundamental.

especialmente por ainda predominar o tradicionalismo e a visão colonialista. Sendo assim, o racismo devendo cada vez ser mais debatido, torna-se essencial sua abordagem sob o ponto de vista da instituição escolar.

A escolha pela temática surgiu como uma oportunidade de vivenciar a realidade escolar, proporcionada pelo Estágio, e a partir desse viés, conhecer quais os maiores problemas quanto ao racismo no contexto escolar no intuito de se buscarem soluções para a problemática. Assim, objetivo deste trabalho visa abordar a questão do racismo no espaço escolar a partir das vivências do Estágio Supervisionado, expor e debater acerca da visão dos alunos sobre a temática.

Utilizou-se como metodologia, no plano teórico, levantamento bibliográfico a partir de autores que contribuem para a discussão da temática. No plano empírico, realizou-se uma breve pesquisa etnográfica na escola onde foi realizada a Intervenção do Estágio Supervisionado II e em seguida, realizou-se uma pesquisa, através de questionário estruturado e debates na sala de aula, sobre a relação dos alunos de uma turma com a temática do negro e do racismo. Por questões éticas, optou-se por não divulgar o nome dos alunos, a turma e a escola em que foi realizada a pesquisa.

A QUESTÃO DO RACISMO

Falar da questão racial atualmente envolve diversos fatores consideráveis, que vão desde discursos e debates polêmicos à falta de interesse, assim como em relação à abordagem do assunto nas instituições sociais e o conhecimento dos indivíduos pela temática. Quando os sujeitos se propõem a abordar a questão do racismo, deparamo-nos diversas vezes com a não compreensão ou confusão em torno de conceitos essenciais, como “raça”, “cor” e “etnia”.

Atualmente, apesar da variedade de interpretações, discute-se o conceito de raça humana a partir de dois vieses: o biológico e o social. Segundo Munanga (2000, p. 17), o termo “raça”, originalmente do latim *ratio* – categoria, espécie – foi inicialmente utilizado pela Zoologia e Botânica, mas, em 1684 o termo “raça” foi empregado no intuito de classificar a diversidade física humana pelo francês François Bernier. De acordo com Santos et al (2010), reconhece-se por parte de muitos autores que a “raça” no sentido biológico não é propriamente um termo científico, uma vez que os seres humanos não são homogêneos e as características morfológicas mais responsáveis pelas diferenciações e classificações, isto é, a cor da pele e olhos, textura e cor do cabelo, formato do nariz, etc. são estabelecidas por um número limitado de genes.

No que diz respeito à “etnia”, assim como existem diversas definições para raça, muitos são os autores que propõem a definição do conceito, como Santos et al (2010), ao explicar que etnia

envolve características além do fenótipo, como a cor de pele, isto é, a etnia constrói a identidade do sujeito a partir de parentesco, fatores culturais, religião, língua, nacionalidade, ou seja, a etnia refere-se tanto a fatores socioculturais quanto aos biológicos.

Silva, (2007, p. 10), abordando a problemática que envolve em torno do uso de “cor” e “raça”, uma vez que ambas carregam associações negativas, especialmente quando diz respeito ao negro, defende o uso da palavra “etnia” ou da expressão “étnico-racial”, posto que associa, sem se restringir a nenhum deles, os aspectos físicos e culturais.

A escola frente à questão do racismo

Nos últimos anos, assiste-se a crescente reivindicação pelo direito à igualdade étnico-racial. Entretanto, são grandes os desafios enfrentados, especialmente pelos negros, na luta pelo reconhecimento da sua importância. Apesar de conquistas adquiridas recentemente, o espaço do negro na sociedade ainda é limitado, enquanto a discriminação racial se perpetua por diversas instituições sociais, como a escola. De acordo com Alcântara (2015, p. 89), espaços como a escola possui papel fundamental na construção da identidade do sujeito, visto que “funcionam como bases no incentivo ou repressão da afirmação da identidade negra”.

No interior da escola, especialmente no convívio entre os sujeitos diversos, isto é, os alunos, são evidenciados diversos tipos de racismo, que vão desde a agressão física ou verbal, como xingamentos, ao racismo sutil, tendo como principal exemplo as brincadeiras e piadas.

Essa forma tão comum de racismo não somente no ambiente escolar, mas nas instituições sociais brasileiras como um todo é discutido por Oracy Nogueira (2006) ao comparar com as manifestações racistas dos Estados Unidos. Segundo o autor, o preconceito manifestado entre os brasileiros é o de “marca” enquanto nos Estados Unidos o preconceito racial é o de “origem”, como é no caso das definições de grupo, isto é: o preconceito de marca pode estar ligado a fatores fenotípicos ou aparência racial. O preconceito de origem possibilita a segregação racial a partir do momento que, independente da aparência, pressupõe a mestiçagem de um indivíduo ou grupo, independente da condição social ou pessoal que ocupa.

Resultados e discussões

Dos 34 alunos que participaram do questionário aplicado, 11 se disseram “brancos”, somando um total de 32%, enquanto os “pardos”, 17 alunos, formaram um percentual de 50% da turma, ao passo que se autodeclararam “pretos” 6 pessoas, um total de 18%. Assim, agregando os

pardos aos pretos, chega-se a 23, formando um total de 68% da turma com alunos declarados negros.

Outro questionamento feito aos alunos dessa turma continha a seguinte indagação: você acha que existe uma cor ou raça mais bonita que a outra? Qual seria? A resposta de 67% da turma questionada é que não há, ao passo que 33% dos alunos consideram uma cor ou raça mais bonita. Nesse questionamento, 9 pessoas autodeclaradas brancas acham que não há cor ou raça mais bonita que a outra, assim como 9 alunos declarados pardos afirmam que também não há, formando, assim, um percentual de 26% cada grupo. No que diz respeito aos pretos, 15% ou 5 indivíduos também não veem maior beleza de uma cor ou raça sobre a outra. Já a outra parte autodeclarada branca, isto é, 2 pessoas, respondeu que há distinção sim, e que a cor ou raça mais bonita era a branca. Os pardos se dividiram entre: 5 pessoas que consideram a cor parda mais bonita; 1 pessoa considerou a amarela; 1 indivíduo considerou a indígena, ao passo que 1 considerou a cor ou raça negra como a mais bonita.

Acerca da cultura negra, isto é, o conhecimento e a relação com os alunos, há a seguinte problemática: ainda que a Lei nº 11.645/2008 estabeleça a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira em estabelecimentos públicos e privados do Ensino Fundamental e Médio, 23 alunos não souberam, não quiseram ou não conhecem nada sobre a cultura e religião negra, ou seja, presume-se que esta Lei não está sendo efetivada na escola e na sala em questão. Dos 11 que disseram conhecer, 5 se resumiram apenas em falar sobre a capoeira, e apenas 6 alunos citaram outros tipos de cultura e religiões, como o candomblé, bumba-meu-boi, etc.

A falta dos negros nas mídias pode ser percebida nas respostas dos alunos, visto que os artistas preferidos da grande maioria da turma são brancos, e o que são negros se resume a cantores de funk, e jogadores de futebol. Além disso, no debate da sala de aula, os artistas tidos como favoritos eram brancos, até de alunos que se autodeclararam negros. A partir disso pode-se notar a influência da mídia na vida das pessoas. Os artistas negros foram mais citados apenas quando perguntados se eles os conheciam.

No que diz respeito aos padrões de beleza, a sociedade sempre segue estereótipos estabelecidos, o que torna algumas pessoas mais populares em determinados lugares, como é o caso da escola. Isso nos fez pensar sobre que características uma pessoa possui e de que forma elas influenciam o convívio social. Assim, foram questionadas aos alunos quais características a pessoa mais popular da escola possuía. As respostas chamaram bastante atenção, pois 17 dos 34 alunos

consideram que a pessoa mais popular da escola é negra (pois as respostas foram “moreno”, “pardo” e “preto”), e possui cabelos crespos. Sete alunos revelaram não considerar nenhuma pessoa.

Ainda durante o questionário, os alunos foram interrogados sobre o que para eles era “racismo”. Dos 11 alunos que se autoafirmaram brancos, 8 disseram, subjetivamente, que “racismo é a não aceitação do outro por seu tom de pele, especialmente negro, ou se achar superior por suas características”. O restante desse grupo de alunos não soube responder à pergunta proposta.

Com relação às 17 pessoas que se autodeclararam pardas, 8 não souberam responder a pergunta, algumas limitando-se a dizer que o racismo “é um tipo de preconceito”. Entretanto, o restante do “grupo” de pessoas pardas afirmou que racismo é um preconceito relacionado à cor, ao cabelo, às características físicas, especialmente de pessoas negras. Um aluno respondeu que “é uma forma de oprimir as diferenças, as cores de pele, uma forma que humilhe os negros”.

Das 6 pessoas que se auto declararam pretas, 4 delas responderam somente que o racismo é uma forma de fazer brincadeiras, ofensas e discriminar outras pessoas, ao passo que as outras 2 tiveram suas respostas mais semelhantes ao que se entende por racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste trabalho foi discutir sobre a visão dos alunos acerca da questão do racismo em uma escola de Grajaú (MA) a partir das vivências do Estágio Supervisionado. Ainda que presenciadas, mesmo que paulatinamente, conquistas referentes à igualdade de direito por parte dos negros, percebe-se a dificuldade, a partir do que foi proposto, em se trabalhar a questão da diversidade étnico-racial na escola em que foi realizada a intervenção do Estágio.

Durante a realização desse trabalho, buscaram-se entender quais foram as razões para a complexidade da abordagem do racismo. Em primeiro lugar, entende-se como um dos fatores o tradicionalismo e a visão colonialista herdadas do contexto social dos alunos grajauenses, visto que a reprodução de discursos valorativos se deu em grande escala durante a realização do Estágio Supervisionado. Além disso, outra problemática está relacionada ao pouco trabalho da temática pelo corpo docente, como foi notado pelo grupo interveniente que havia alunos autodeclarados negros não se valorizavam enquanto tais, assim como muitos que não apresentam interesse pela questão abordada. O trabalho com a questão étnico-racial possibilitaria aos alunos entenderem que não há superioridade ou inferioridade de uma raça/etnia frente às demais, e sim que a diversidade pressupõe respeito e igualdade entre todos os grupos humanos.

Ainda que apresentada tal realidade nessa instituição escolar, há de se destacar que o projeto de intervenção foi aplicado em apenas um dia e somente em uma turma. Assim, não se pode generalizar a problemática a partir de uma só constatação. Todavia, a partir das experiências e vivências adquiridas, há indícios de que existem problemas quanto à questão do racismo nessa turma e há de se investigar e trabalhar em torno da problemática.

Como conclusão, entende-se que ainda é complexo trabalhar a questão do racismo nas escolas, especialmente em Grajaú (MA), mas cada vez mais necessária aos atuais licenciandos, especialmente a partir da sua inserção na escola, possibilitada pelo Estágio. Conhecer a realidade escolar é imprescindível aos acadêmicos porque os oportuniza saber quem é a juventude com quem futuramente trabalharão. Compreende-se, também, essencialidade da universidade enquanto interventora, dado que dispõe do papel fundamental ao oferecer uma boa formação docente para a questão da diversidade no espaço escolar, a fim de que a juventude possa formar sua identidade mais “humana”, sem reprodução de pré-conceitos e que assim a escola possa se assumir cada vez mais como o lugar de diversidade e da formação de verdadeiros cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. **Formação para a diversidade?** Desafios da formação de professores em Grajaú/MA. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. São Luís, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EdUFF, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, v. 19, nº1, p. 287-308, nov. 2006.

SANTOS, Diego Júnior da Silva. et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press J Orthod**. Maringá, vol. 15, nº 3. p. 121-124, mai/jun. 2010.

SILVA, Francisca Cordélia Oliveira da. **Etnia, Cor e Raça:** Aspectos discursivos do uso institucional. Universidade de Brasília. (2007). Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/64_Francisca_Cordelia_OS.pdf